

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Provocadores comunistas lançam
o caos na Faculdade de Letras de Lisboa

Ocupar a RTP e cortar o trânsito são objectivos dos grevistas!

A situação explosiva que se vive na Faculdade de Letras de Lisboa está a atingir proporções escandalosas que, inclusive poderão levar ao encerramento daquele estabelecimento de ensino superior.

Um grupo minoritário de alunos, afectos ao PC e a outras forças da esquerda radical, autoproclamando-se como legítimos defensores dos direitos de todos os estudantes, paralisou a actividade naquela Faculdade, ao mesmo tempo que levou a efeito acções de agitação nas ruas de Lisboa contra o ministro da Educação. Na forja estão ainda programados outros movimentos que aquele grupo já designou como «spectaculares». Cortar o trânsito nas artérias de Lisboa e... ocupar as instalações da RTP, são alguns dos «programas das festas»...

Esta campanha de agitação iniciou-se com a contestação, dos alunos das Faculdades de Letras das Universidades Clássicas de Lisboa, Porto e Coimbra, bem como da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa, ao plano de reestruturação dos cursos avançado pelo Ministério da Educação. Depois de terem obtido o acordo com os conselhos científicos das faculdades, nomeadamente quanto à eliminação da limitação de entradas nos anos extra-curriculares, os representantes dos alunos queriam obrigar o ministro João de Deus Pinheiro a ratificar os pontos acordados.

Indiferente ao processo de luta desencadeado pelo grupo activista, uma recém-eleita Di-

rectoria da Faculdade de Letras, João de Deus Pinheiro mostrou-se igualmente disponível para colaborar ao «máximo com as Universidades» no levantamento dos mercados de trabalho possíveis de integrar os licenciados daquela Faculdade.

Tudo isto consta dum docu-

mento escrito, divulgado na Faculdade de Letras, caindo assim por terra as acusações lançadas pelo grupo contestatário, segundo as quais o ministro da Educação ainda não tinha dado qualquer «garantia» por escrito. É então que entra em cena uma Comissão Coordenadora de Luta dos Estudantes de Letras, que aglutina alguns dos jovens quadros da Juventude



Professor Malaca Casteleiro: «Há forças políticas interessadas em fazer da Faculdade de Letras um centro de permanente agitação contra o Governo»

elementos ligados às estruturas da JC e de JSD e que negociara o acordo com João de Deus Pinheiro.

Alegando que houvera fraude no acto eleitoral (quando todos os passos deste acto foram devidamente acompanhados por elementos seus afectos que até chegaram a constituir uma Comissão Fiscalizadora) a tal minoria afecta ao PC convocou novas eleições, conseguindo então uma vitória com 83,3 por cento dos votos.

«Nós nem sequer comparecemos nas mesas de votos pois achamos que os tribunais ou a

Policia Judiciária é que devem decidir se houve ou não fraude nas eleições: mas eles querem ganhar as eleições à força, estão-se nas tintas para a demagogia que apregoam, agindo a soldo de um partido totalitário» — diz-nos Rosa Resende, uma das alunas que integrou a Lista C.

Esta reportagem de «O Dia» foi feita numa das dependências da Faculdade de Letras, precisamente num dos dias da greve que ali teve lugar na passada semana. No «hall» de entrada o cenário era de autêntico Carnaval: para além dos cartazes contestando a política seguida pelo Ministério da Educação, via-se um caixa verda-

de Resende, «ao longo dos dias de greve os alunos foram impedidos de ter aulas e, até, de efectuar os seus testes, o que lhes poderá trazer problemas futu-

ros; por outro lado, viram-se privados do acesso à biblioteca e aos institutos que funcionam na Faculdade».

A tudo isto o Conselho Directivo resolveu fechar os olhos, ou não se desse o caso desse órgão ser constituído por alguns «mestres» politicamente identificados com a minoria comunista que tem provocado esta onda de agitação.

«Impediram os alunos da Faculdade de entrar nas facultades de acesso ao pessoal estranho, como, por exemplo, aos alunos do secundário e até a alguns líderes da JCP de Lisboa que aqui vieram mostrar a sua

solidariedade» — acrescenta-nos Rosa Resende.

Como nos afirmou Aníbal Cabeça, um outro aluno que igualmente tem contestado os métodos arrivistas utilizados por essa minoria, «esta greve provocou o descontentamento de grande parte dos estudantes da Faculdade, a qual recela que esta campanha de desestabili-

«Convocam reuniões gerais de alunos para uma hora a que os estudantes da manhã, que nos são mais afectos, não podem assistir; aprovam moções de braço no ar e resolveram realizar novas eleições para a Associação de Estudantes, fazendo circular listas nominativas pelos corredores da Faculdade».

Apesar da coacção comunista (que contou até com o apoio de «gorilas» expressamente vindos do Hotel Vitória), algumas «ilhas» de resistência têm sido criadas na Faculdade de Letras: para além dos alunos que nos exprimiam os seus pontos de vista, anotamos também a posição contestatária a todos este processo do presidente cessante do Conselho Pedagógico, Prof. Malaca Casteleiro.

Por várias vezes os pécês têm pedido a sua cabeça pelo facto do Prof. Malaca Casteleiro ter subscrito o acordo com o ministro da Educação, em conjunto com a contestada Direcção da Associação de Estudantes.

Por ter assinado este documento, este professor chegou mesmo a provocar a ira do Conselho Directivo. Acontece que num comunicado divulgado à Faculdade, o Conselho Directivo da «lamentou que o

IRÁS OUTRAS FAC
IR AO SECUNDÁRIO
III GRUPOS DE RUA
IX ANIMAÇÃO DA FAZENDA
II DISTRIBUIÇÃO DE FOLHETOS
II ALMOEDA COM LIMITAÇÃO DE TRÁNSITO
III OCUPAR A RTP
III RECUP. DE FUNDOS NA LUTA
III GRUPOS DE ESCOLA
RECINTO NA ESCOLA

presidente cessante do Conselho Científico, bem como outras entidades, se tenham prestado a assinar ou a visar tal documento».

Mostrando-se surpreendido com esta tomada de posição, o Prof. Malaca Casteleiro considerou-a «uma manobra provocatória, pois, no dia em que assinou esse acordo, eu estava ainda investido nas minhas funções de presidente do Conselho Científico».

Malaca Casteleiro sublinhou-nos que esta guerra existente na Faculdade de Letras se perfazem inutil, dado que o ministro já acedeu aos propósitos manifestados pelos estudantes, acrescentando-nos que se prosseguir esta campanha de agitação «tornar-se-á impraticável a entrada em vigor, no próximo ano lectivo, do novo plano curricular».

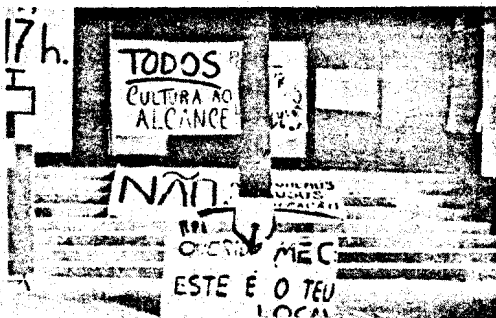
Este docente da Faculdade não tem dúvidas em afirmar «haver forças políticas interessadas em lançar o caos na Faculdade de Letras, tornando-a um centro de permanente agitação contra o Governo».

Convém aqui recordar que Cunhal, numa recente entrevista dada à televisão, mostrou a sua satisfação pela forma como estavam a decorrer as greves nas Faculdades de Letras.

Não há dúvida de que os «seus rapazes» estão a cumprir bem a sua missão...

COLEGAS - VAMOS CUMPRIR AS PROPOSTAS DA R.G.A. GRUPOS DE TRABALHO INSCREVE-TE A PORTA DO BAR

Limitar o trânsito e ocupar a RTP são duas propostas já avançadas



Circular nos espaços interiores da Faculdade tornou-se impossível, dado o tamanho da exposição, bem digno de um «bunker» do PC

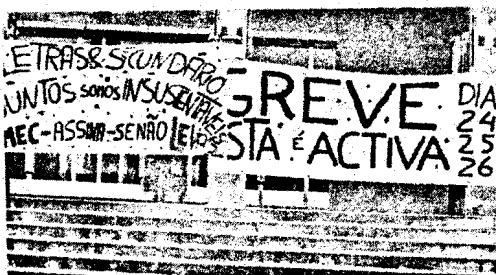
deiro, contendo a efígie do ministro. A porta, um piquete de greve, fiscalizava as entradas no edifício.

Como nos sublinhou Rosa

zação possa pôr em risco este ano lectivo».

«Mas que pode fazer uma maioria silenciosa contra uma minoria activista? — atalha Rosa Resende.

A nossa interlocutora explica-nos ainda alguns dos processos utilizados pela dita minoria, a fazer lembrar os «bons velhos tempos» do PREC:



Um Conselho Directivo sem autoridade, nem o mínimo respeito pelos valores culturais e científicos, permite que se dê lugar à implantação de este folclore revolucionário na Faculdade

recção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa reuniu-se com o ministro e conseguiu fazer com que este desse o «sim», por escrito, a grande parte das suas reivindicações.

No despacho que após no Caderno das Propostas apresentadas conjuntamente pelos representantes dos estudantes e pelo presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras, o titular da pasta da Educação dava o seu «agrimento» à abolição do «numerus clausus» de acesso a qualquer das vias, quer científica, quer pedagógica ou profissionalizante. Ao mesmo tempo deu o seu consentimento à atribuição de verbas que assegurem a contratação de professores e à construção das instalações necessárias

Comunista. Várias notícias surgem então na imprensa, veiculadas pelos «amigos» colocados na agência noticiosa «Lusa», não reconhecendo qualquer legitimidade ao documento assinado pelo ministro e pela Direcção da Associação de Estudantes.

Alegava-se, por exemplo, que a referida Associação de Estudantes havia sido destituída no decorrer de uma Reunião Geral de Alunos, não sendo por isso representativa. O que na verdade aconteceu foi que um grupo constituído por cerca de 600 alunos (numa Faculdade que tem inscritos seis mil) tomou a iniciativa de anular as eleições para a Direcção da Associação de Estudantes, eleições essas que tinham dado a vitória, por uma margem de 227 votos, à lista C, constituída por